

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Helios Sellinger



Helios Seelinger

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

Entre os artistas brasileiros da segunda geração, o Sr. Helios Sellinger é dos mais interessantes, pela curiosa organização do seu espirito e forte, ardente, imaginativa creadora. E' o nosso scintillante poeta em côres. Os seus trabalhos são sempre alguma coisa, têm idéa, motivo central, dynamico, força em torno da qual a fórmula reveste os tons que a fantasia crea, na ansia de completar, pela tinta, o que o cerebro pensou. Não se vá dizer que esse arroubado idealista é um philosopho. Nada disto. Helius Selinger é, em rigor, um artista, talvez o unico que exerça, aqui, verdadeiramente, a arte pela arte. Esta formula não é, nelle, uma imagem. E' um symbolo, que o inspira, o incita a produzir, a trabalhar, a viver. Helios Sellinger, no Brasil ou em outro qualquer paiz, teria sempre a feição que o reveste, por isso que é, intrinsecamente, um artista. Incapaz de pintar sem que primeiro ao seu espirito haja occorrido a idéa, a sua pintura tem de ser sempre uma tela que obriga á reflexão e faz sentir. Mystico e symbolista, na sua primeira phase, não é difficil encontrar-lhe, no espirito, o esfumado das linhas e do sentimento germanico, que formam a primeira camada de material argamassado pelo pintor.

A sua prolongada educação na Allemanha, deixou-o contemplativo, de attenção muito attenta ao recolhimento, a todas as manifestações do sentimento interior. Ha na sua intelligencia uma forte dóse de mysticismo que lhe inspira e dirige as acções. E assim como o homem, na vida, não é outra coisa que isto, um sonhador, ideologo egresso do seculo de bohemia de Murger, o pintor se apresenta, numa característica muito forte e muito especial, constituindo curiosa excepção em nosso meio. Moço, apparentando muito menos idade do que realmente tem, o seu espirito está em constante effervescencia, num bom "humour" sadio, que as difficuldades da vida respeitam. A proposito da sua permanente mocidade, corre a anedota seguinte:

Em certo dia, subia o Rheno, taciturno e sorumbatico, um dos nossos litteratos e bohemios, mais finos, da geração vinda logo após a de Bilac, quando, correndo os olhos pelos companheiros que se debruçavam na amurada do navio, notou um alentado allemão, olhos azues, corpulento, loiro como legitimo germanico, lendo um jornal do Rio. Immediatamente, o nosso patricio alegrou-se e, sem ceremonias, acercou-se do allemão, mantendo com elle, em portuguez, o seguinte dialogo:

— O cavalheiro já esteve no Brasil?

— Oh! Sinhorra! Non! Mas menterressa muita cousa di Brasil. Pam de Sucra, Dijuco, Korkovada, muita interressante, agrrada muita! Sacca de San-francisca! Bonita! Muita bonita!

— Então já morou no Rio...

— Non, senhorra. Mas gosta muita da naturreza. Bonita! Muita bonita! Mè pae morra lá. Grande pintorra! Homem muito importante! Chama-se Helius Selinger.

O poeta, que outro não era senão Luiz Edmundo, por conta de quem corre a divulgação do episodio, affirma que o allemão, entusiasta do Brasil, trazia nos braços os bordados de major da Guarda Imperial Prussiana...

Pelo menos, teria naquella época, trinta e cinco annos de idade!

VIDA CURIOSA NA BISONHICE DO MEIO ARTISTICO BRASILEIRO

Helius Selinger é o artista que talvez mais tenha vivido uma intensa vida artistica no Brasil. Adolescente no tempo em que era prova de intelligencia fazer bohemia á maneira de Murger, sem vintem na algibeira nem bom senso nas acções, quando os litteratos e homens de lettras, que mais tarde se distinguiram, timbravam em se exceder á hora do aperitivo, na Paschoal, ou ás 2 horas da tarde, na Castellões, não foi possivel a Helius Selinger escapar á influencia do meio, e, em pouco, era elle um assiduo frequentador dessa roda dourada, que esbanjava a mancheias talentos e mocidade. Tambem não lhe queiramos mal por isso. A mentalidade da época não comprehendia que um homem intelligente, fosse um poeta, um escriptor ou um artista, deixasse de manifestar o seu talento na mesa do botequim, fazendo o jogo facil de palavras ou de imaginação, que se derramava pelas tascas assejadas do Rio e iam formar os alicerces da fama que cada um desses rapazes, mais tarde, conduziria. Tanto isto é verdade que, dos nossos escriptores da geração que vae desaparecendo, só escaparam á medida Machado de Assis, Nabuco, Verissimo, que não vivia aqui e chegaria ao Rio já com o espirito formado, Sylvio Romero, de quem pôde dizer-se a mesma coisa, e poucos, pouquissimos mais... Embora cedo se afastasse da roda, levado pelo seu character sisudo e reflexivo, mesmo assim, o purissimo Raymundo Corrêa não deixou de sacrificar algumas horas á frequencia de taes amigos e logares. Pudera! Se andavam na memoria de toda a gente as esturdias de Alvares de Azevedo e Castro Alves!

— E Byron não fizera assim, na loucura da sua vida, pelo Adriatico e pelas ilhas da Grecia!

E, mais recentemente, Oscar Wilde não impressionára o mundo latino com os desregramentos que tanto enrubesciam á grave circumspecção ingleza!

Era preciso imital-os! E a litteratura e as artes brasileiras excederam-se na incontinencia do alcool.

Mas, demos a palavra ao proprio Helios Sellinger:

— Minha familia, meu amigo, foi gente virtualmente honesta, creada na pratica de principios austeros. O meu avô, homem de grande cultura, intelligencia e vontade forte, tivera de emigrar para o Rio, por força de circumstancias do acaso, da mesma maneira porque poderia ter dado com o destino em outra região do planeta. Explico melhor. O meu avô, fazendo jornalismo contrario aos dominadores da Allemanha, ficára em situação de não poder conti-

nuar a residir naquelle paiz, sob pena de ser coagido na sua liberdade. Sendo-lhe permittido sair, encontrou-se, certo dia, á beira-mar, em frente a um veleiro que se preparava para longo cruzeiro.

— Para onde vae esse barco?

— Viajar para a America.

— Mas para que região?

— Para o Brasil.

E ahi está como a minha familia emigrou, vindo estabelecer-se no Rio. Aqui, meu avô installou a familia e concluiu, sob o seu contrôlê, a educação dos filhos. Meu pae formou-se em pharmacia e um seu irmão concluiu o curso de engenharia, após ter regido, por muitos annos, a orchestra do antigo theatro S. Pedro. Ainda esse meu tio matriculou-se, depois, na Academia de Bellas Artes, onde se acamaradou com Rodolpho Bernadelli, vindo desta amizade remota as ligações que o sobrinho teria depois com aquelle grande mestre. Annos após a sua chegada ao Brasil, meu pae conheceu uma boa moça, brasileira, filha de paes francezes e gregos, que vivia num doce ambiente burguez, defronte á pharmacia de meu pae. Estimaram-se. Estabeleceram relações de amizade. Casaram-se. Naquelle tempo não era usado o namoro, não se praticava o "flirt", a estima entre rapazes e moças era cordial e respeitosa. Com a simplicidade formalistica com que esses actos serios se dicidião, nupciaram muito cedo. Eu nasci deste consorcio e tive a lamentar a perda dos meus paes, na mais tenra idade. Tambem meu avô que, emquanto vivo, dirigira a familia, fôra arrebatado pela morte, seguindo-o, pouco tempo depois, o meu tio.

De todo este vendaval desabado sobre a minha familia sobreviveu uma tia, allemã de nascimento, educada dentro do rigorismo das praxes teutas, sabendo muita coisa para o seu tempo, inclusive tres linguas, que falava e escrevia correctamente. A essa minha tia, que era professora de um collegio inglez que, então, existia, devo a minha educação e formação do meu espirito, cuja directriz ella acompanhou, orientou com zelos maternas, procurando imprimir-lhe disciplina, quando percebeu que eu, já um mocinho, trilhava caminho errado. Teve essa bondosa creatura influencia muito séria na minha vida e não é sem uma grande saudade que falo da sua memoria, que tudo sacrificou e fez por mim. E não exaggero. Quantos rapazes, por falta de freio moral que ella me soube impôr, não succumbiram, ingloriamente, no começo da vida! Uns, o alcool levou, outros não souberam defender-se de molestias atrozes, ainda outros ficaram para fallir, moralmente, na lucta aspera da vida.

Commigo nada disto aconteceu. Fiz bohemia á moda do tempo, mas não succumbi. Resisti, penso ter vencido e, fazendo a minha vida dentro da minha arte, nada tenho de que me queixar, porque vou atravessando, sereno, na doce convicção de que impuz uma personalidade!

E toda esta conquista — arrematou — não foi minha, mas della.

A MINHA PRIMEIRA VIAGEM À EUROPA

— Estava eu na phase agitada de bohemia, a que me referi acima, estudando pintura, com Bernardelli, no seu antigo "atelier", da rua da Relação, quando este, verificando o fundo mystico que se accentuava em meus traba-

lhós e, ao mesmo tempo, notando que a vida de prazeres me absorvia muito, aconselhou á minha tia que me mandasse á Allemanha.

Dizia, então, o mestre:

— Com a tendencia revelada pelo Helius, fica-lhe melhor a frequencia dos "ateliers" allemães. E convencia a minha parenta de que, com o dinheiro consumido por mim aqui, asseguraria-me a subsistencia na Allemanha, creando reaes vantagens para mim.

Bernardelli era eloquente e tinha autoridade para aconselhar, de sorte que, ajustadas as coisas, em pouco ia eu buscar á Allemanha aquella "disciplina" que o mestre julgava indispensavel á minha formação. Vi-me, assim, transportado a Munich, onde me fiz alumno de Franz Stuck, estudando com esse grande mestre, durante quatro annos. De Stuck recebi a influencia pantheista que é facil descobrir nos meus trabalhos. O mysticismo, revelado nos meus estudos de "atelier", desenvolveu-se, fortemente, ao influxo do idealismo allemão. As lendas da Germania, os cantos e narrações populares dos barqueiros do Rheno, o "folk-lore" da Floresta Negra, tão rico de tons pela frescura dos seus poemas, os rhapsodos que enchem uma viva pagina da litteratura e da tradição allemã, recortaram, definitivamente, o perfil da minha obscura individualidade. Sahi isto que sou, da longa apprendizagem allemã. O meu espirito, que denunciava, ao partir do Brasil, a maneira especial que define a minha arte, desenvolveu-se integralmente dentro do espiritualismo germanico e tomou este feitio, que vou conduzindo commigo. Vivi em Munich uma vida muito differente daquella que, mais tarde, encontrei em Paris, ao voltar, pela segunda vez, á Europa, no gozo do premio de viagem do salão. Os estudantes, os mestres, como a propria arte, são profundamente differentes nesses dois velhos paizes. A França é aquillo que nós sabemos, ruido, bohemia, typos estudadamente classicos de artista, o cabello e o chapéo usados de determinada maneira, o cóрте das barbas, o nó da gravata, a peculiaridade de andar, tudo feito para que o burguez se impressione e o artista accentue a sua individualidade, espantando-o com a sua projecção. A vida que os artistas francezes vivem em Montmartre é muito conhecida para que haja necessidade de pintai-a. Tudo obedece a uma intenção, a um fim marcado. Na Allemanha o artista confunde-se com o burguez, que chupa tranquillamente a sua cerveja, na serenidade evangelica da familia. Os proprios modelos têm alguma coisa de familiar e pesado, mas, em compensação, ha sinceridade, ha sentimento, melhor comprehensão das coisas subjectivas. A arte allemã obriga á reflexão, á pesquisa, não philosophica, mas poetica, na procura do lado ideal das coisas. Esta "maneira" empresta á arte germanica o character um tanto nebuloso e confuso, de que a minha pintura tem sido accusada. Mas este character não pôde deixar de ser mystico e sonhador, por isso que o temperamento allemão ficou, na idade moderna, o mesmo druida, mysterioso, da floresta remota.

Deixemos, porém, a Allemanha. Regressei, mais tarde, ao Brasil, depois dos quatro annos de Stuck, expuz no antigo edificio d' "O Malho", uma casa acanhada, da rua do Ouvidor. A minha "mostra" senão constituiu um successo, não passou, entretanto, despercebida, porque serviu, pelo menos, para que muita gente começasse a chamar-me doido. Concorrendo, depois, ao "sa-

lão", obtive o premio de viagem á Europa, indo desta vez, ainda a conselho de Bernardelli, gozar o pensionato em Paris.

Bernardelli dissera-me, naquelle momento que, para o Brasil, a arte allemã ainda era de difficil comprehensão e, por isso, julgava mais util que eu me transportasse a Paris.

Os mestres francezes me serviriam de muito, porque lá a maneira de pintar estava mais de accordo com o sentimento brasileiro. Achei respeitaveis os conselhos do artista e segui a Paris para completar a minha educação. Perdi muito da minha maneira, apprendendo a fazer o bem acabado, o perfeito, que é tudo quanto em arte está produzindo o genio francez. Os artistas francezes attingiram a um afinamento tão grande que, hoje, o unico esforço realizado por elles visa, exclusivamente, obter o maximo de correcção. Já não cream, melhoram, apenas, o que já crearam. Como era natural, a vida desses dois annos, na França, deu-me a impressão de que devia continuar em Paris e fui, por muito tempo, um itinerante, em meu paiz, produzindo na França, vendendo no Rio, para gastar em Paris. Atravessei o Atlantico muitas vezes, nessa constante peregrinação, jámais tendo-o feito noutro character que não o de artista. Não ensino, não tenho empregos, não os quero ter e vou vivendo, perfeitamente bem, a meu modo, dentro das possibilidades da minha arte.

COMO ENTENDO E SINTO A ARTE

Profissão de fé:

— A arte é vida intima, não se improvisa ou falsêa. Ou bem o homem sente o calor que é a emoção, ou procura forçá-lo e, neste caso, jámais consegue ser coherentemente um artista. Quem vive pela arte colloca todas as outras considerações na dependencia desta. E não póde ser de outra maneira. Arte é arte, sentimento, emoção, belleza. Quando taes impulsos sacodem a alma humana, todas as outras cogitações cedem lugar, sempre que o homem, na alma do qual essa luta se trava, é, verdadeiramente, um artista. No Brasil observamos, dentro deste meu criterio, um sensivel retrocesso. Aqui o lar burguez, as preferencias burguezas, as considerações de ordem burgueza estão suffocando a arte, impedindo que varias promessas de artistas se firmem dentro da arte. Ha varios casos typicos, em nosso meio. Não quero dar nomes, mas elles estão ahi, para tristeza nossa. Rapazes de verdadeiro talento entregaram-se ao ambiente pachorrento do lar burguez e nada mais produziram. Uns governados totalmente pela mulher, que de arte nada percebe, outros acatiados pelas necessidades de ordem burgueza, nada produzem, nada cream, nada improvisam, que defina um artista, por isso que collocam, acima da sua arte, as conveniencias oppostas por uma sociedade desapparelhada para entendel-a. Não pense que eu estou exaggerando. Os artistas, que conseguiram, entre nós, installar-se na vida, com excepção, talvez, de dois expoentes, o fizeram com a preocupação de fundar um interior completamente burguez.

Onde se passa a vida do artista?

Necessariamente, no "atelier", logo o "atelier" deve ser a primeira peça da casa do artista.

Pensa que aqui acontece isto?

Absolutamente, não.

O que vemos é a casa confortável, á moda burgueza, com a bôa sala de receber, o bom comedor, os bons quartos para dormir e, quando a gente pergunta pelo "atelier", elles coçam a cabeça e dizem: está lá no fundo, lá em cima, ou então, apontando vagamente, no terreno fóra, um gallinheiro:

— E' alli que vou construir...

Isto denota o quanto estamos atrasados e como a arte atravessa uma phase perigosa no Brasil. E se tal ocorre, com as coisas materiaes, o que não vae de preconceitos, na organização do lar! Artista, no Brasil, casado com uma bella mulher, não a "posa" como modelo, para crear seu trabalho. Isto é uma incoherencia humilhante para a arte. A arte é o bello e o bello não é immoral. Quem tem uma formosa mulher deve sentir-se feliz por ter um formoso modelo! Então o homem casa porque gosta da mulher, porque o seu espirito, a sua educação e, mais do que tudo isto, o seu corpo lhe agradam, e, sendo este homem um artista, não ha de ter a vontade, irresistivel, de posal-a, reproduzila num quadro ou numa estatua? Não sentir esse desejo, essa indomavel necessidade, é não ser, em verdade, um artista, ou então, quem assim proceda, deve confessar-se prejudicado, vencido pela conveniencia burgueza, errada e estreita, do meio.

Entre nós têm occorrido casos curiosos. Além dos artistas renegarem a sua arte, enfileirando-se, panurgicamente, no rebanho burguez, que tudo nivela, ainda censuram os verdadeiros artistas, que vivem no seu isolamento, creando uma obra honesta, dentro da arte e para a arte. Aqui, ha tempos, foi commentando o gesto de um artista posando a filha e ainda hoje não ha quem não estranhe que outro artista, que soube fazer um lar feliz de artista, "pose" a propria companheira, sua esposa legitima. Um e outro desses illustres patriocios, são dois authenticos artistas a quem a estreiteza do meio não logrou corromper. Conservam-se artistas, num meio que destróe, aniquilla o artista e, por isso, as mais das vezes, são alvos de remoque de quem não tem a serenidade para comprehendel-os e imital-os. Já vê que a vida artistica, no Brasil, ainda não é sentida e praticada como devia, desde que a influencia burgueza tudo absorve, prejudicando, sensivelmente, nosso ideal de arte.

COMO SINTO E DESEJO O ENSINO DAS BELLAS-ARTES

Considero a arte liberdade, independencia espiritual. Não me parece que sem absoluta independencia possa crear-se arte. A arte não póde correr parelhas com a burocracia. Precisa de ambiente para manifestar-se e produzir. Não é possivel exigir do artista que tenha inspirações á hora certa, tenha talento dentro do Regulamento, produza obras primas rigorosamente de accordo com o ponto, das 11 e 1/4 ás 4 horas da tarde. Isso é tudo quanto ha de mais errado e absurdo, de mais estreito, paradoxal... e tólo. A arte produz-se quando a inspiração chega e esta vem inesperadamente, independente do regimen burocratico. E' por isso que sou completamente partidario do "atelier", livre, onde o artista trabalhe quando queira e nas condições que entenda. Acho que toda

a reforma do ensino de bellas-artes, que não fôr feita nesses moldes, pecca pela base, por isso que não podemos ensinar bellas-artes com o mesmo rigorismo com que fazemos engenheiros ou bachareis. Ao engenheiro e ao bacharel devemos exigir uma série de obrigações e conhecimentos, dispensáveis uns e incompatíveis outros, com o "metier" de artista. O pintor não deve ser bacharel. Tem que se ilustrar, mas deve fazê-lo de maneira que não prejudique a inspiração, a arte. Quem não pensa assim tem organização de bacharel e não de artista. A Escola Nacional de Bellas Artes está sendo dirigida, neste momento, por um interessantíssimo espirito de artista, José Marianno Filho. Vive ao nosso lado ha muitos annos, vibra e sente o que vibramos e sentimos. E' meu amigo ha vinte e cinco annos. Apenas, José Marianno não pôde fazer a reforma de que precisamos, por circumstancias alheias á sua vontade. Adiantará, quando muito, o bastante para que mais tarde outro administrador possa aproveitar situação melhor e assegurar novo corpo de leis á Escola, dentro das exigencias do ensino artistico. José Marianno é um elemento official, projecção do Departamento Nacional do Ensino e, como tal, tem de fazer reforma que traduza o pensamento "official" do momento. Não é licito exigir-lhe o que não está na sua alçada fazer. Do que fôr feito agora, poderá tirar-se muitas conclusões depois, se tanto o permittir uma comprehensão mais ampla do ensino artistico, quando a mentalidade burocratica estiver mais diminuida e em condições de melhor comprehender a verdadeira situação do ensino das artes aqui. E' claro que, com as idéas radicaes que mantenho, neste assumpto, não posso apoiar o que agora se projecta, mas tambem é necessario reconhecer que José Marianno nenhuma culpa tem nisto, não se lhe podendo exigir mais do que está fazendo. A reforma de José Marianno já é uma promessa. Esperemos, que essa promessa fructifique, porquanto nós estamos, apesar da divergencia das minhas opiniões sobre diversos assumptos, em franca phase de trabalho, de effervescencia, no meio.

OS TRABALHOS MAIS INTERESSANTES DE HELIOS SELLINGER

— E propriamente, na arte, que tem feito, Helios?

— Tudo. Na minha primeira exposição, pintei "Faunos", "Fogo", "Remorso", "Sangue", varias outras coisas symbolicas.

Com surpresa, agrãdasse ou não, vendi tudo. Antes, já na Allemanha, collocára varios trabalhos meus. Para a America do Norte, fiz por encomenda uma série do "Fauno e o pellicano". variando pouco sobre o mesmo motivo, segundo recommendação do comprador.

Mais tarde, no Brasil, comecei a pintar caravellas. Coalhei os mares com esses velhos barcos portuguezes. Os meus estaleiros não paravam. Não houve sala, de portuguez, intelligente e patriota, que não tivesse ao menos um desses navios, pendurado na parede. Cansei-me de fazer caravellas e passei a pintar o lago, a lua e o cypreste. Estes tres factores deram-me um motivo que explorei largamente, seguindo as variações de sentimento, da nossa indole romantica. Emquanto foi possivel despertar corações, pintei o cypreste. Agra-

dava esse meu trabalho e não vem fóra de proposito narrar-lhe uma passagem curiosa, dessa época.

Em certo dia, estando em difficuldades de dinheiro, resolvi ir a São Paulo. A situação, porém, era difficil, faltava o necessario para a menor despesa. Lembrei-me de que Roberto Gomes ha muito se propuzera comprar-me um quadro para a sua galeria. Vou a Roberto Gomes. Fecho o negocio. Assentei que seria pago immediatamente e convidei-o a ir ver os quadros, antes, no "atelier". Os quadros da exposição eram poucos. Para não perder o freguez, que representava a passagem e as indispensaveis primeiras despesas, arrumei-os direitinhos, procurando tirar um effeito agradável e, como tivesse, no momento, para retocar, um quadro do cypreste, da lua e do lago, vendido, ha algum tempo, ao medico meu amigo, dr. Paes de Azevedo, colloquei-o no meio dos meus trabalhos, afim de que, com a sua moldura, elle valorizasse os demais.

Tudo feito, chega Roberto Gomes. Olha, examina, corre a mão pela testa: — Olha, Helius, só me serve aquelle.

E aponta, justamente, o quadro de Paes de Azevedo. Torço a cara. Mostro outro, aponto as perfeições de outro ainda não examinado, mas Roberto Gomes fica duro, firme, na convicção de que deve levar o quadro alheio.

Em certo momento, quasi perco a calma:

Que fazer?

Vender o quadro ou ver a unica segurança da viagem desaparecer com Roberto Gomes?

Insisto. Mostro outras coisas. Offereço télas de maior valor, por preço inferior ao do quadro em questão. Roberto Gomes tambem insiste. Não hesito mais. Vendo o quadro.

Tempos passados, procuro o meu amigo e narro-lhe o apuro em que me vira, logrando com muito geito a absolvição do peccado. Mera sorte, como vê. O quadro estava reproduzido em centenas de lithographias, espalhadas no mercado...

E' que ha assumptos que têm "chance".

As caravellas e o cypreste muito dinheiro me deram. Pintei-os tanto que cansei e a mim mesmo impuz a obrigação de não mais reproduzil-os. Mas só me posso referir a um e outro, com reconhecida gratidão.

— E decorações, nunca as fez?

— Fiz diversas. Entre outras, aquella que reputo a minha obra mais forte, as composições ornamentaes dos salões do Club Naval. Trabalhei-as com muito carinho e devo o successo que obtive á gentileza intelligente de Thiers Fleming, que tudo me facilitou. No Rio Grande do Sul, em duas viagens que fiz, realizei diversos trabalhos, inclusive os da ornamentação do palacio governamental.

Além destes, casas particulares, clubs, residencias de amigos...

E só, meu caro jornalista. Não esqueça, tambem, de dizer que a minha pintura já me collocou de observação, sob as vistas de eminente psychiatra, hoje, meu amigo e, o que é melhor, meu admirador.

Depois da minha primeira exposição, aqui realizada, levado por Bruno Lobo, almocei com Juliano Moreira, e só mezes pasados, tive pelo Bruno a

surpresa de saber que fôra, para o grande psychiatra, motivo de observação pathologica...

Mas, como vê, com todas as "loucuras" da minha arte, parece que venci e a prova é que o tenho aqui, em meu "atelier", procurando reunir as suas impressões...

— E' isto mesmo, Helios. E pela minha parte posso passar-lhe attestado de absoluta idoneidade mental.

— Até logo.

— Obrigado.